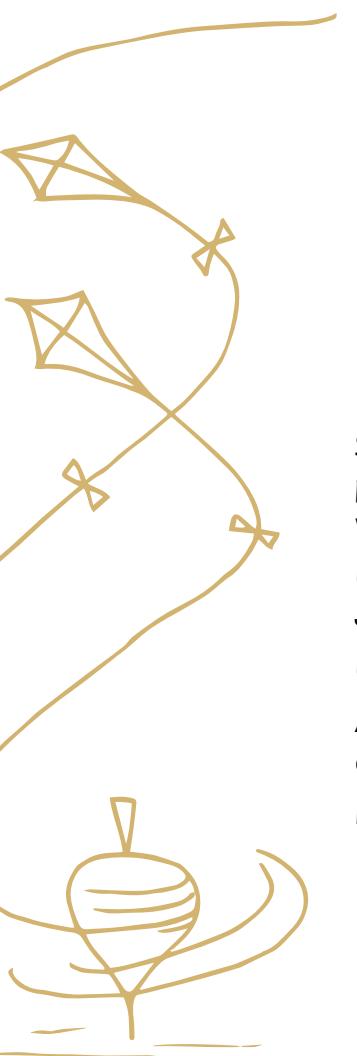




cascaes
& Eu



**SEJA BEM-VINDO,
SEJA BEM-VINDA!**

Este é um caderno de memórias.

Seja você criança, adulto ou idoso, certamente tem memórias sobre a infância para registrar e – por que não? – dividir com os outros. Por isso esperamos que você aceite nosso convite para uma conversa no papel.

Uma conversa entre as suas memórias e memórias de um grande artista: Franklin Joaquim Cascaes.

Uma conversa em que também se pode criar, inventar e re-inventar.

As próximas páginas são para ler, mas também para desenhar, pintar, rabiscar, escrever, colar...

Este caderno é seu, deixe-o com seu jeito!



Vamos lá?

Você sabe quem foi Cascaes?



Franklin Joaquim Cascaes foi um artista que viveu em Florianópolis.

Durante sua vida, ele viu sua cidade passar por grandes transformações, e ficou preocupado que a cultura das comunidades se perdesse com o crescimento de Florianópolis. Então ele decidiu fazer um grande trabalho: registrar o jeito como as pessoas viviam.

Para fazer esse registro, Cascaes ia até as comunidades. Elas eram distantes do centro da cidade: para chegar, ele usava canoa, carroça, Kombi, e muitas vezes caminhava muito.

Nas comunidades, conversava com as pessoas, observava como elas viviam e depois registrava o que tinha visto, ouvido, sentido.

Para registrar, Cascaes escrevia, desenhava e fazia esculturas. Assim, ao longo de sua vida reuniu uma coleção com muitas obras. Você poderá ver fotos de algumas delas nas próximas páginas.

Mas vamos começar falando do início da vida de Cascaes?



CASCAES

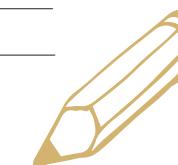
Você pode usar os espaços em branco para escrever ou desenhar!

Você pode desenhar ou colar o seu retrato aqui!



• VOCÊ?

"Meu nome é _____
nasci no dia _____ em _____



Minha família:

A infância de Franklin Cascaes

Muito do que Cascaes registrou foi observado e vivido por ele desde criança:

“Eu faço a minha arte a partir da convivência, eu vi tudo isso aqui. Eu posso lhe afirmar que desde criança, naquela Itaguaçu que hoje é cidade, hoje completamente poluída, eu me criei ali na época em que a natureza vivia sua vida límpida, o sol brilhava, a lua também, as estrelas pareciam que sorriam para a gente quando a gente deitava na praia por causa do calor. Eu tenho ou não tenho razão?”

Cascaes conta que a saudade da infância foi importante para a sua obra.

Ele cresceu em uma pequena fazenda perto do mar. Sua família era dona de terras onde hoje são os bairros Abraão e Bom Abrigo.

Na fazenda em que vivia havia plantações, criação de bois e três engenhos: um de fabricar açúcar e dois de fabricar farinha. Ele conta que o dia a dia era bem movimentado, pois muitas pessoas trabalhavam ali: algumas no mar, pescando, e outras na terra, cuidando das plantas e dos animais. À noite, depois de trabalhar, todos se encontravam em um engenho para tomar café, conversar e contar histórias.

Franklin Cascaes participava desse movimento e ficava atento às conversas dos adultos:

“Eu sempre fui muito curioso, gostava muito de estudar, vivia fazendo esculturas de barro, na areia. E eu prestava muita atenção na conversa deles. Por isso aquilo me deixou saudade quando tudo terminou.

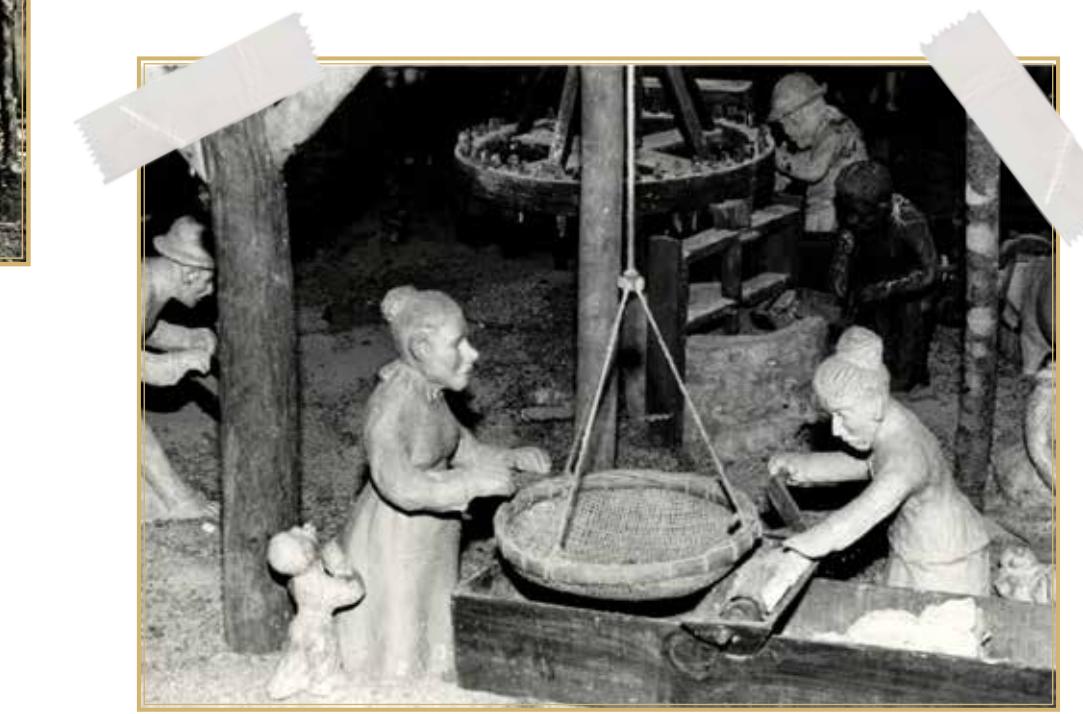
E um dia prometi que, quando pudesse, ia recolher na Ilha o que sobrava de todas aquelas tradições...”



Quando Cascaes era criança, a maioria das famílias produzia sua comida e ganhava seu dinheiro plantando, pescando e trabalhando nos engenhos. O trabalho costumava ser próximo às moradias e era comum as crianças participarem dessas atividades.



Cascaes conta que desde criança trabalhou no engenho de farinha, que ficava muito perto de sua casa. Durante o inverno, aconteciam as farinhadas (quando se transforma a mandioca em farinha) e muitas famílias se juntavam no engenho para trabalhar e conviver.



Brincadeiras em Cascaes reinventando o mundo adulto

A proximidade com o trabalho dos adultos aparece também nas brincadeiras das crianças registradas por Cascaes.

As crianças recriavam o trabalho com o qual conviviam.

Você já tinha visto alguma criança brincar de engenho?



Você observou de que materiais foram feitos os boizinhos e as rodas do carro de bois que o menino construiu para sua brincadeira?

Sim, de laranjas e bananas.

Era muito comum as crianças utilizarem os materiais que encontravam na natureza para fazer seus brinquedos.



Cascaes também retratou meninos que faziam seus cavalinhos com folha de palmeira ou com bambu



E você? Agora é sua vez de falar um pouco sobre sua infância: escreva, desenhe, cole fotos contando:





A brincadeira do boi de mamão

Lá no Pará me chamam Boi Bumbá... Bumba-meu-boi no Maranhão... Aqui na Ilha é de Mamão!

A dança do Boi de Mamão é uma brincadeira que conta a história da morte e da ressurreição de um boi, com personagens coloridos, música e muita dança.

Em várias regiões do Brasil há brincadeiras de boi, com nomes diferentes. Elas têm em comum o enredo da história, mas em cada lugar e em cada grupo se brinca de um jeito um pouco diferente.



Brincadeiras de Festa Junina

As brincadeiras que estão nos desenhos de Cascaessão aquelas que ele viu nas festas juninas. Cascaes escreveu que estas festas aconteciam entre os meses de junho e setembro, tanto em igrejas quanto na casa de pessoas. Ele conta que nessas festas.

"era costume acender grandes fogueiras em lugar de destaque possuindo diversas funções: geralmente por ser inverno na ocasião das festas elas serviam para aquecer;

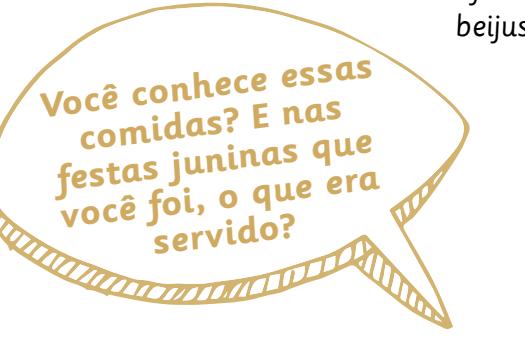
servia como iluminação principal, também assavam nas suas brasas o peixe, a batata doce e o aipim. A fogueira era o centro da atração e observava-se o tamanho, a altura e a beleza na colocação da lenha formando uma torre. Em volta da fogueira cantava-se, dançava-se e realizavam inúmeras brincadeiras e jogos"

Festa Junina



E você, já foi em festas juninas? Observe bem o desenho que Cascaes fez da festa junina. É parecida com as festas que você já foi?

Cascaes fala no texto sobre tainha, batata doce e aipim, comidas que eram servidas nas festas. Em outro momento, ele nos conta que além destes eram oferecidos outras “guloseimas”: batata com melado, cará do chão, roscas, broas, beijus, cuscus e bolos de farinha de milho assado na casca de bananeira.



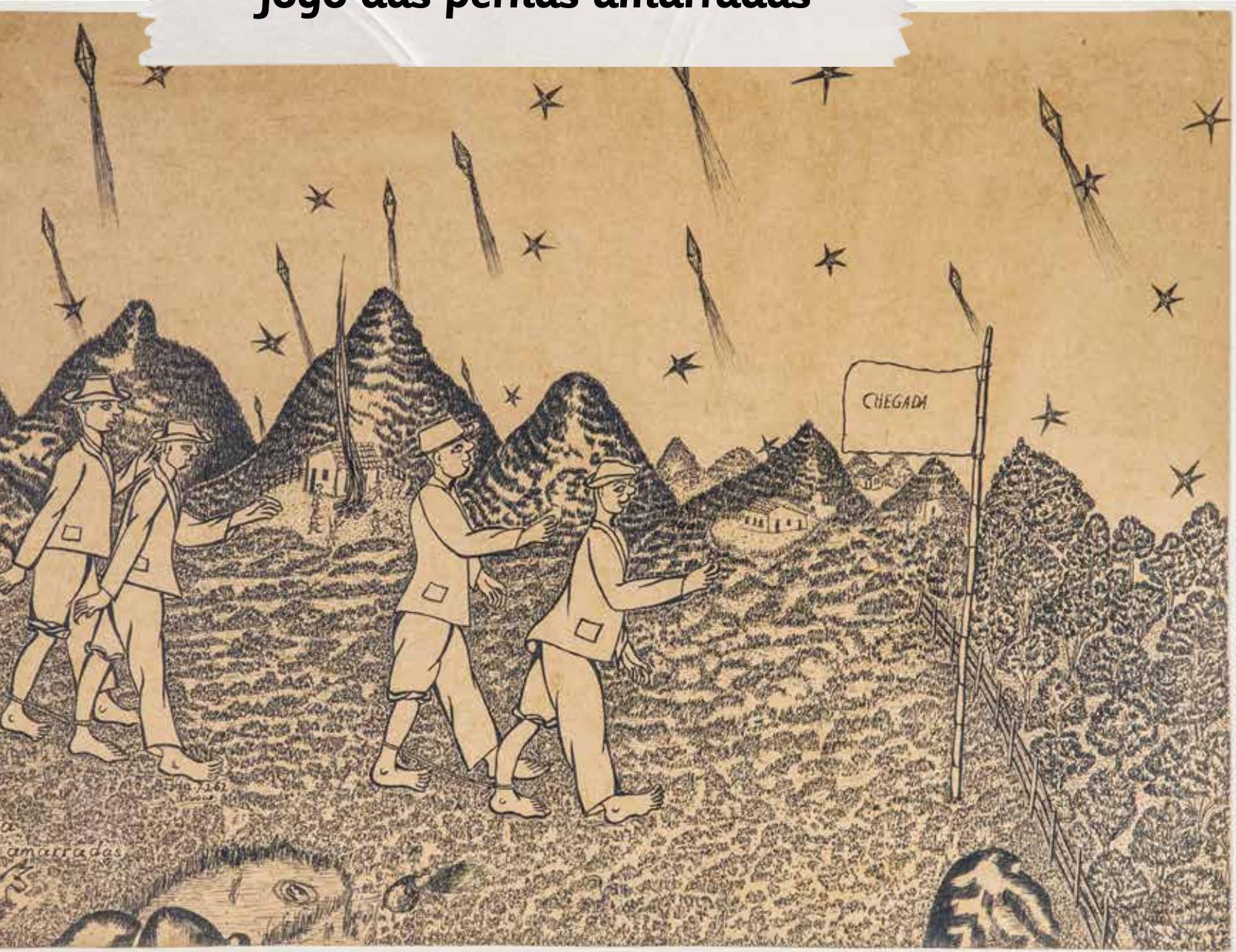
Jogo do saco



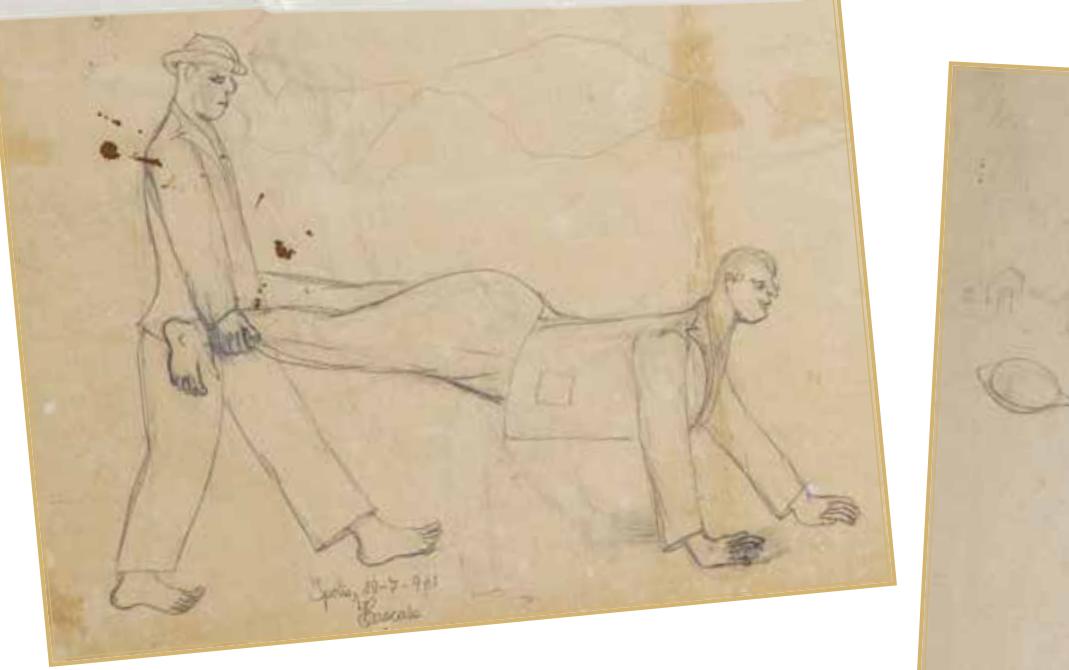
Jogo de colocar o rabo no porco



jogo das pernas amarradas



Jogo do carrinho de mão



Jogo da corrida do ovo

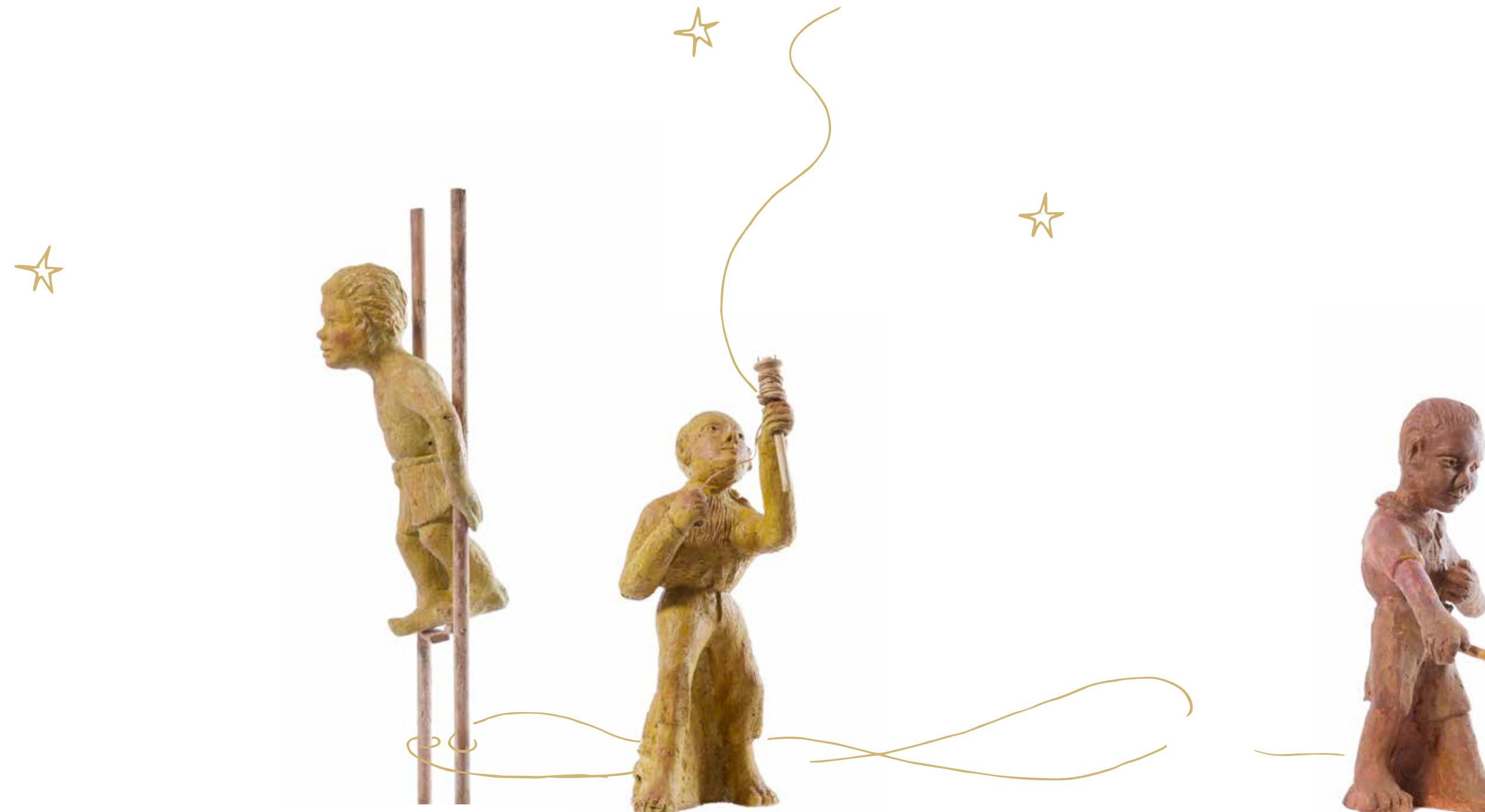


Você conhecia essas brincadeiras todas?

Algumas brincadeiras são bem características de um tempo ou de um lugar.

Outras são conhecidas em todo o mundo e mesmo sendo muito antigas continuam fazendo parte da vida de meninos e meninas. Veja se você conhece as brincadeiras a seguir.





24 | Cascaes & Eu



25

Brincadeira bolinha de gude



26 | Cascaes & Eu

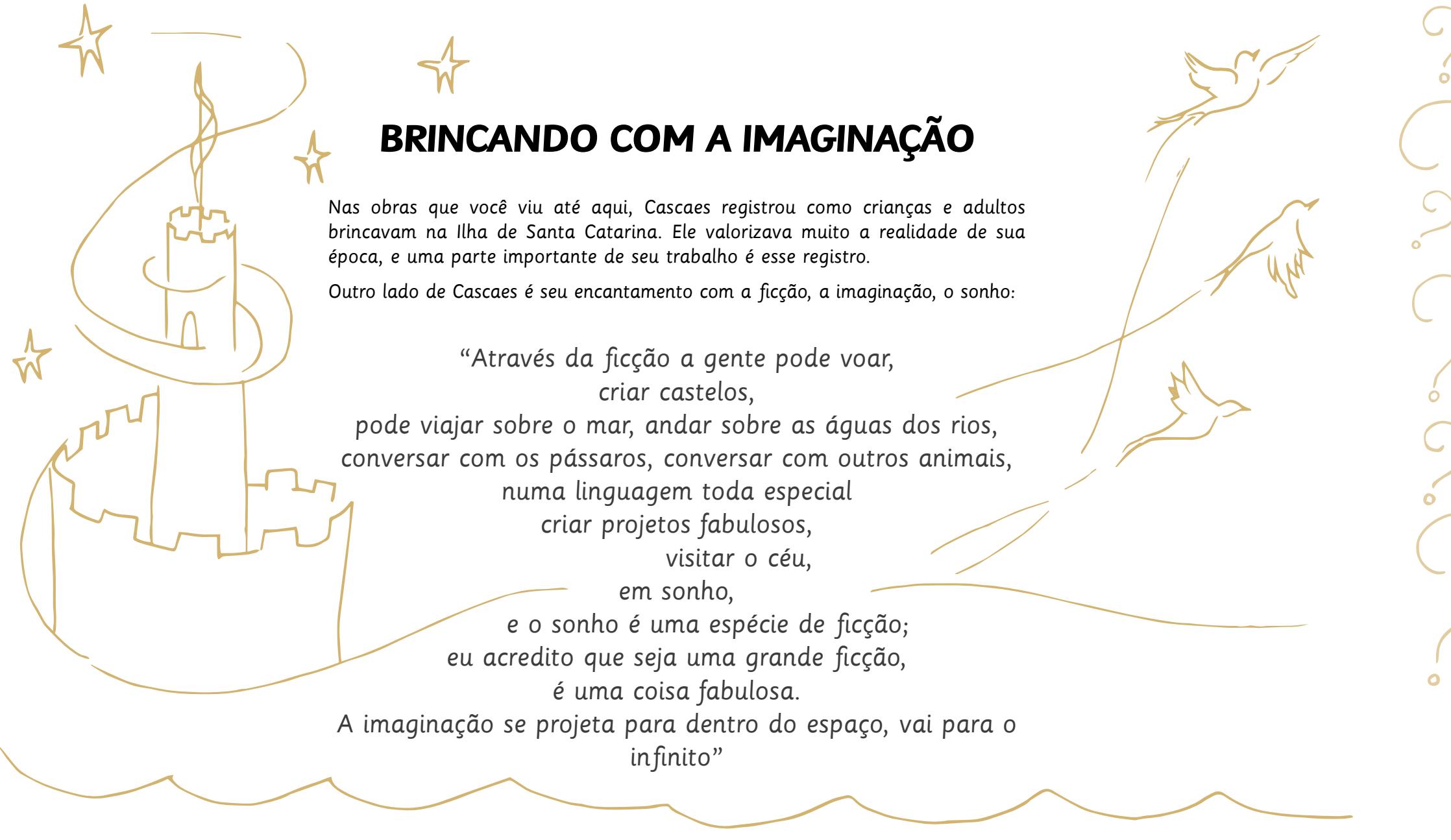
Pandorga



27

Ciranda





BRINCANDO COM A IMAGINAÇÃO

Nas obras que você viu até aqui, Cascaes registrou como crianças e adultos brincavam na Ilha de Santa Catarina. Ele valorizava muito a realidade de sua época, e uma parte importante de seu trabalho é esse registro.

Outro lado de Cascaes é seu encantamento com a ficção, a imaginação, o sonho:

“Através da ficção a gente pode voar,
criar castelos,
pode viajar sobre o mar, andar sobre as águas dos rios,
conversar com os pássaros, conversar com outros animais,
numa linguagem toda especial
criar projetos fabulosos,
visitar o céu,
em sonho,
e o sonho é uma espécie de ficção;
eu acredito que seja uma grande ficção,
é uma coisa fabulosa.”

A imaginação se projeta para dentro do espaço, vai para o infinito”





Há muitos seres fantásticos na obra de Cascaes.

Ele disse:

“Eu entendo perfeitamente as coisas que são reais, que nós vivemos com elas na realidade, e as coisas que são fantásticas.

Nada mete mais medo no homem do que a folha de bananeira numa noite de luar quando cai o sereno.

É justamente isso que criou o que eu tenho aqui. O susto.
Quem criou o lobisomem? O medo

Eu estou atento a essas coisas todas, que me contam, servem de modelo, de pontos de partida para eu criar. Elas dizem: eu vi assim. Outra diz: eu vi assado. Eu vi desta forma. Eu vi desta outra forma. Na verdade o que ele viu foi uma folha que, devido ao susto, ao medo, aquilo na vista dele, no seu espírito, aquilo cresceu, tornou-se enorme, fantasmagórico”

E você, já viu algo que não era real em um momento de susto? Escreva e/ou desenhe o quê.

Do que você tem medo?

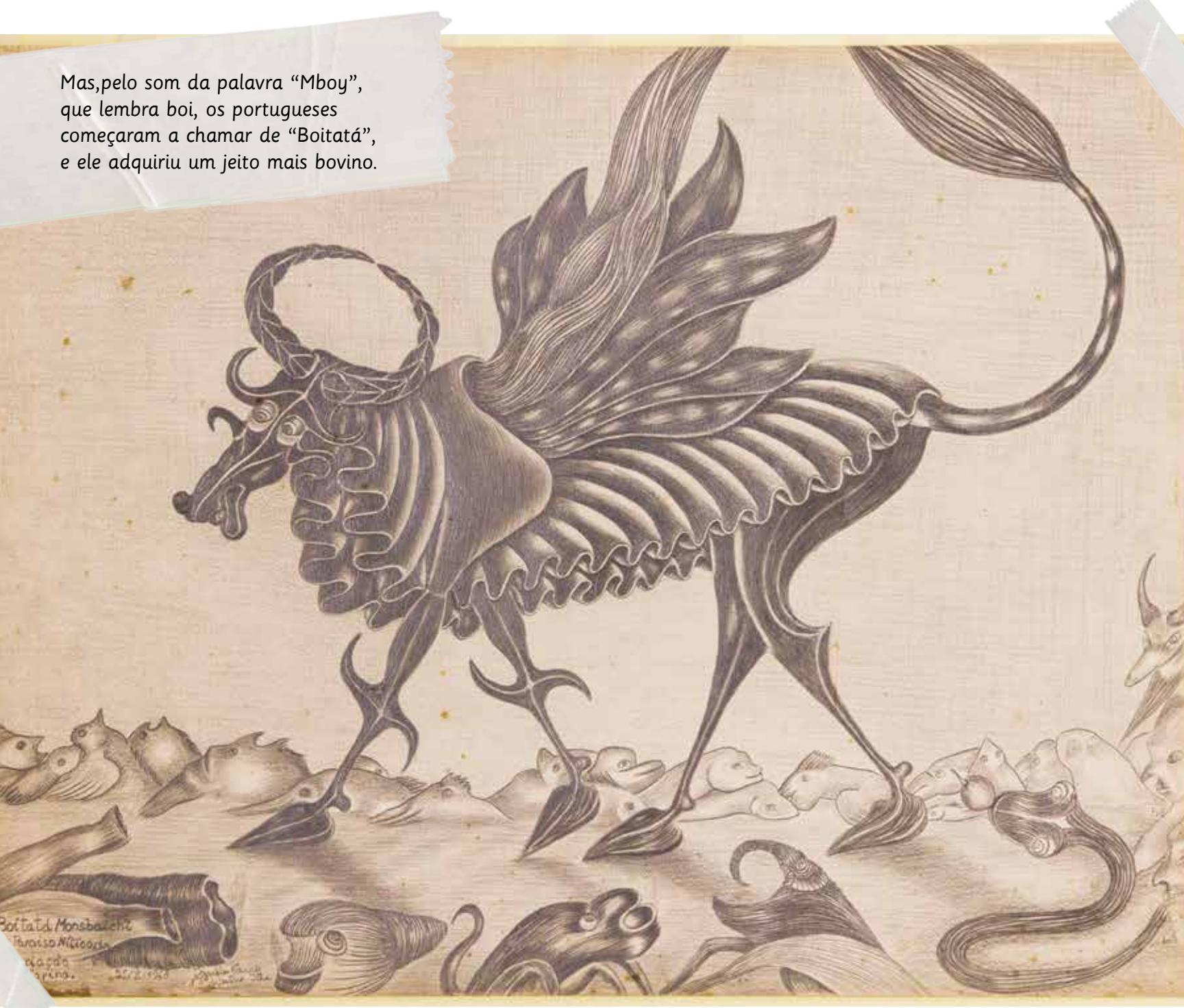
Se fosse inventar uma criatura fantástica para representar seus medos, como seria?

O Boitatá

O boitatá é um mito de origem indígena, seu nome vem do Tupi:

M b o y = cobra
T a t á = fogo

Boitatá, em sua origem, quer dizer cobra de fogo.



Cascaes também criou uma família para o boitatá, com Vaca-tatá e Bezerros-tatás. Veja como ele contou essa história:

"Encontrando em um sonho um boitatá muito tristonho chorando dentro de um banhadão nas margens da Lagoa do Jacaré no Rio Tavares, Ilha de Santa Catarina, o artista indagou:

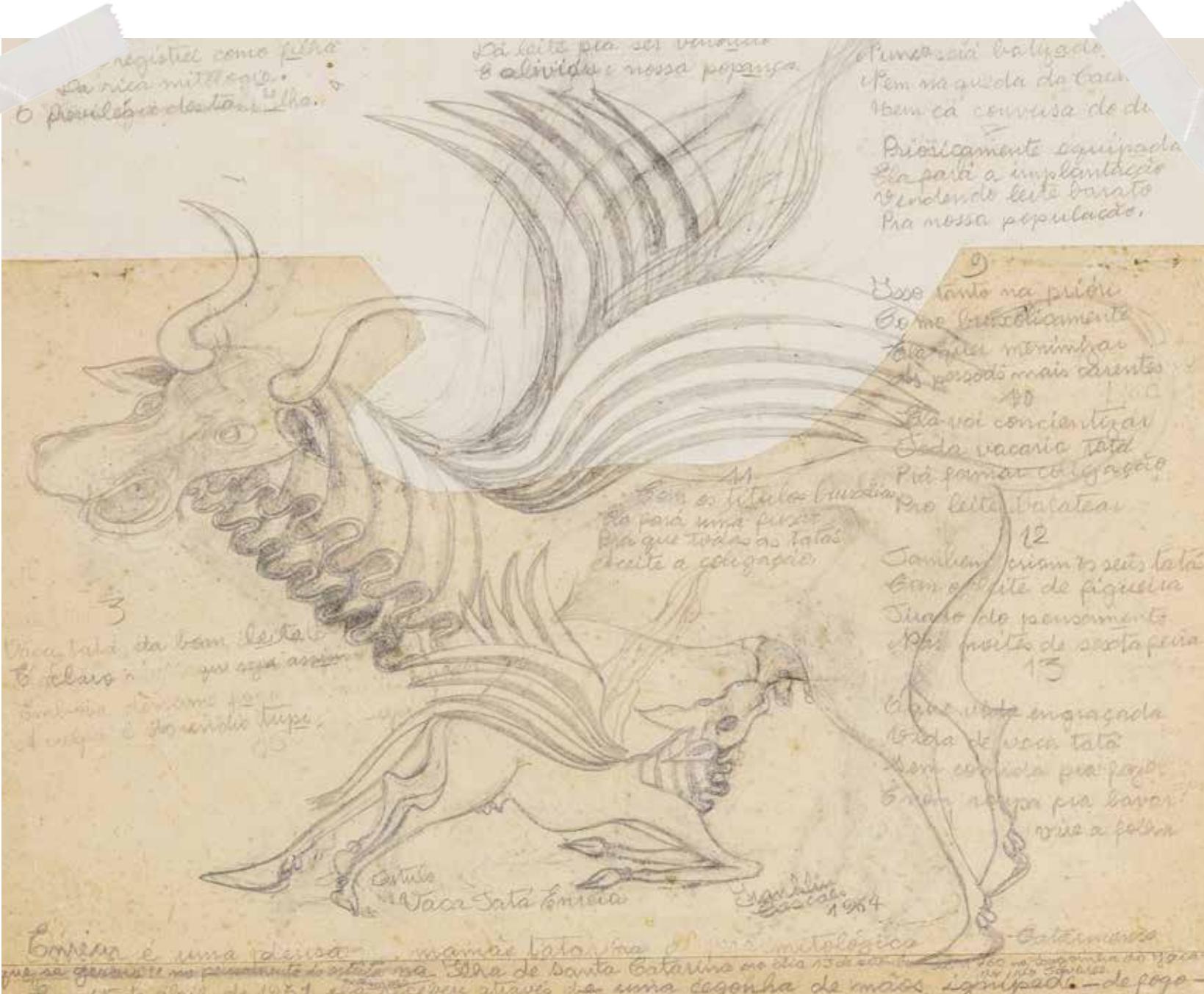
- o que falta para seres felizes, boitatá?
- Uma companheira, amigo artista.
- Bem, vou dar-ta.

Passados sete meses, fui fazer uma visita a Lagoa do Jacaré e lá fui surpreendido com uma voz boitatarina que me comunicava o seguinte:

serei pai dentro de dois meses

A minha vaquinha-tatá está esperando seu primeiro bebê."

Cascaes conta que em seguida, a Vaca-tatá recebeu da cegonha uma "bebê".
Foram batizados de Bezerro-tatá Junior e Bezerra-tatá Júnior.



Inventando nomes para os seres fantásticos

Cascaes inventava nomes para os seus seres a partir de sílabas de palavras que o descrevem.

FABOILU

FA = faísca
BO = boitatá
LU = luzes

VACCA-tatá
TAVAU

T
A
V
U = tatá
= vaca
= urubu

boitatá
MONSBAICHI

M
O
N
S
B
A
I
C
H
I = monstro
= baitatá
= chifre

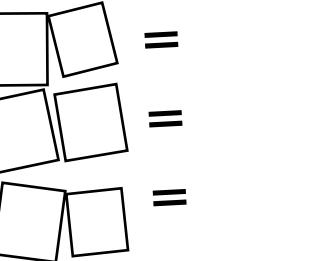
bode **BOAFO**

BO = bode
A = asa
FO = fogo

**Invente um corpo para esse boitatá.
Depois crie um nome boitatazesco pra ele!**



O nome do meu boitatá é:



CASCAES no MARQUE



“Alguém disse: museu é como um dicionário de coisas. Sim, neles vivem as imagens do passado explicado melhor no presente. Vive o passado no presente porque ambos viverão no futuro. Formar um museu é erguer um monumento à Cultura e às Artes”

Em 1974, Cascaes foi trabalhar no Museu da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que hoje se chama MARQUE : Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral.

No fim da sua vida, o artista doou sua coleção para o MARQUE. Ela tem o nome da esposa dele, Elizabeth Pavan Cascaes, que sempre o ajudou muito nas pesquisas.

Nas anotações de Franklin Cascaes, fica claro o quanto ele valorizava os museus

Cascaes desejava ter sua obra reunida em um museu, com especialistas para cuidar de sua preservação. Isso se concretizou.



Quando não está em exposição, sua obra se encontra em um lugar especial do Museu, a Reserva Técnica, sob os cuidados de uma conservadora-restauradora.

Nesse espaço, cada obra tem um lugar e uma embalagem especial. A temperatura e a umidade relativa são controladas, e o acesso é restrito. Tudo isso é para garantir que a sua coleção, que é frágil, seja preservada.

Assim, por muito tempo ainda, as pessoas poderão conhecer a obra de Cascaes e dialogar com suas memórias!

Lista de imagens

Fonte das citações diretas de Cascaes – todas as passagens entre aspas são citações diretas de Franklin Joaquim Cascaes

Nota da organizadora: por se tratar de um material de cunho pedagógico, fiz a opção de priorizar a acessibilidade comunicacional do material, o que significou, em alguns momentos, ter de abrir mão de algumas convenções da academia. Nas citações diretas, tal opção se reflete principalmente na retirada dos marcadores “(...)”, desconhecidos das crianças e de outros públicos não-acadêmicos. Foi convencionado então, para este material, que o espaçamento entre frases no sentido vertical tem valor de “(...)”. Apenas em uma citação isso não pode ser respeitado, por motivos de diagramação; nesse caso o texto original está abaixo transscrito.

p.3 Entrevista concedida a Gelci José Coelho, o Peninha, no ano de 1980. Hoje integra o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral.

p. 04 - CASCAES apud CARUSO, Raimundo C. Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. P.49

p.05 -CASCAES apud CARUSO, Raimundo C. Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. P.22

p.14 - CASCAES, Franklin. Festas juninas. Florianópolis: Museu de Antropologia da UFSC, 1978.p.3/4. Grifos nossos.

p.28 - CASCAES apudCARUSO, Raimundo C. Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. P.42. Grifos nossos. A citação teve fragmentos cortados. Lê-se no original: “Através da ficção a gente pode voar, criar castelos, ricos, pobres, pode viajar sobre o mar, andar d=sobre as águas dos rios, passar por cima daquelas corredeiras sem nada sofrer, conversar com os pássaros, conversar com os outros animais, numa linguagem toda particular, numa linguagem toda especial, criar projetos fabulosos, visitar o Céu, conhecer o Nosso Senhor como Isaías conheceu, em sonho, e o sonho é uma espécie de ficção; eu acredito que seja uma grande ficção, é uma coisa fabulosa.(...)A imaginação de projeta para dentro do espaço, vai para o infinito”.

p.30 - CASCAES apud CARUSO, Raimundo C. Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. P.53-54, 91.

p.34 – CASCAES apud ESPADA, Heloisa. Na cauda do Boitatá : um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. 2. ed. rev. Fpolis: Letras Contemporaneas, 1997.P.36-37.

p.37 – CASCAES, Franklin. Caderno 60. Manuscrito. Sem data. Acervo do Museu do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. Não publicado.

Referências Bibliográficas

CASCAES, Franklin. **Festas juninas**. Florianópolis: Museu de Antropologia da UFSC, 1978.

_____. Manuscritos. Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. Não Publicado.

CARUSO, Raimundo C. **Franklin Cascaes**: vida e arte, e a colonização açoriana. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

ESPADA, Heloisa. **Na cauda do boitata : um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes**. 2. ed. rev. Florianópolis: Letras Contemporaneas, 1997.

FANTIN, Monica. **No mundo da brincadeira**: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores do boi de mamão** : velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 2000. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.pp. 17-37

GHIZONI, VanildeRohling. **Conservação de acervos museológicos** : estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim Cascaes. Florianópolis, 2011 210 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2011

MEDEIROS, Francisco Emílio de. **As dimensões lúdicas da experiência de infância** : entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de ‘Além-Mar’. Florianópolis, 2011. 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2011.

PIACENTINI, Telma. **Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina**. Fundação Cultural Franklin Cascaes Publicações: Florianópolis, 2010

Realização



Professor Oswaldo Rodrigues Cabral



sigmo
laboratório
SIGNIFICAÇÃO DA MARCA

INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Apoio



FUNCULTURAL

